

ARTIGO

Ensino de História e as Novas Tecnologias: relato de experiência na rede pública do estado do Paraná

*Adriele Andrade Ceola **

Resumo: Este artigo analisa a integração das tecnologias digitais no ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental II, destacando seus benefícios e desafios no contexto da escola pública. A partir do aporte teórico da historiografia escolar e de um relato de experiência com turmas de 6º ano no conteúdo de Roma Antiga, examina-se como a articulação entre métodos tradicionais e ferramentas digitais transforma a prática pedagógica. A pesquisa demonstra que o uso de acervos virtuais, *Chromebooks* e recursos como a plataforma *Padlet* atua como ponte conceitual na abordagem de temas abstratos, estimulando o protagonismo discente, a análise de fontes e o letramento histórico. Além disso, a diversificação de instrumentos avaliativos, incluindo *fanzines*, linhas do tempo e murais interativos, favoreceu a aprendizagem colaborativa e o engajamento dos estudantes. Contudo, evidenciam-se barreiras estruturais relevantes na rede pública, como a escassez de equipamentos, conectividade precária e disputas por recursos tecnológicos entre disciplinas. Conclui-se que a tecnologia potencializa o raciocínio histórico e a consciência crítica, mas sua efetividade exige planejamento didático intencional, superação dos problemas de infraestrutura escolar e políticas públicas voltadas à formação continuada docente.

Palavras-chave: Ensino de História; Tecnologias Digitais; Ensino Fundamental II; Relato de Experiência; Escola Pública.

History Teaching and New Technologies: an experience report in the public school system of Paraná

Abstract: This article analyzes the integration of digital technologies in History teaching during the final years of Middle School, highlighting its benefits and challenges within the public school context. Based on the theoretical framework of school historiography and an experience report with 6th-grade classes regarding Ancient Rome content, it examines how the articulation between traditional methods and digital tools transforms pedagogical practice. The research demonstrates that the use of virtual archives, Chromebooks, and resources such as the Padlet platform acts as a conceptual bridge in addressing abstract themes, stimulating student agency, source analysis, and historical literacy. Furthermore, the diversification of assessment instruments—including fanzines, timelines, and interactive panels—favored collaborative learning and student engagement. However, significant structural barriers in the public network are evident, such as a scarcity of

equipment, poor connectivity, and disputes over technological resources among disciplines. It concludes that technology enhances historical reasoning and critical consciousness, but its effectiveness requires intentional didactic planning, overcoming the school infrastructure gap, and public policies aimed at continuous teacher training.

Keywords: History Teaching; Digital Technologies; Middle School; Experience Report; Public School.

1. Introdução

Atualmente a atenção dos especialistas das diferentes áreas do conhecimento que se relacionam com a educação está voltada para o uso e aplicação de tecnologias digitais dentro das salas de aula, em parte devido as grandes transformações contextuais ocorridas nos últimos anos, e em outra parte pelas diretrizes educacionais presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas diretrizes estaduais e municipais dos currículos escolares.

A inserção das tecnologias digitais no ambiente educacional transformou as dinâmicas de ensino e aprendizagem no século XXI, conflitando práticas pedagógicas tradicionais e demandando novas abordagens docentes. O debate contemporâneo oscila entre o entusiasmo pelo potencial de inovação metodológica e as preocupações com as distrações e a precarização do processo formativo. Compreender esse cenário exige analisar as contradições inerentes à mediação tecnológica na escola pública e privada.

Por um lado, defensores da integração tecnológica destacam sua capacidade de promover a autonomia e o engajamento dos alunos por meio de metodologias ativas. Segundo Moran (2015), as tecnologias de informação e comunicação expandem as possibilidades de aprendizagem, permitindo personalizações do ensino e aproximando a sala de aula da realidade hiperconectada dos estudantes. Para o autor, a tecnologia digital não substitui o papel do educador, mas potencializa o desenvolvimento de ambientes educativos mais flexíveis e colaborativos.

Por outro lado, outra vertente que aborda esta questão alerta para as consequências do uso desmedido ou descontextualizado desses recursos no espaço escolar. Desmurget (2021) aponta severos impactos do tempo excessivo de tela sobre a capacidade de atenção, cognição e retenção de conhecimento das crianças e adolescentes. O autor argumenta que a presença constante de dispositivos digitais em sala de aula gera dispersão contínua e compromete o desenvolvimento de habilidades analíticas profundas, convertendo a promessa de modernização em um obstáculo ao aprendizado efetivo.

Mesmo que as considerações sobre os malefícios do uso excessivo de tecnologias digitais sejam pertinentes e não podem ser desconsideradas, trabalharemos com a vertente dos benefícios

deste uso, visto que os documentos norteadores da educação atualmente tendem à obrigatoriedade do uso destes recursos em sala de aula e nos processos educacionais.

2. Os Benefícios do Uso de Tecnologias Digitais para o Ensino de História

O ensino de História, geralmente, é lembrado como um componente curricular tradicional, no qual seu desenvolvimento é lembrado como aquele repleto de livros, exposição do professor, escrita no quadro negro e muita anotação de datas, nomes importantes e fatos passados. Todavia, devemos mudar essa perspectiva ultrapassada da disciplina e passar a enxergá-la de uma maneira mais atual e dinâmica.

Atualmente, a condução do ensino em História enfrenta o desafio de dialogar com uma juventude imersa na cultura digital, o que exige da historiografia escolar a superação de modelos estritamente expositivos e transmissivos de conhecimento. A incorporação de tecnologias digitais na disciplina não deve ser encarada como mero artefato ilustrativo ou recurso técnico complementar, mas como uma dimensão estruturante do próprio pensamento histórico no ambiente escolar. Nesse sentido, o uso de acervos digitais, museus virtuais, plataformas interativas e ferramentas de cartografia histórica reconfigura o modo como os estudantes lidam com as evidências do passado.

A apropriação pedagógica das mídias digitais abre caminho para que os alunos atuem como agentes ativos na construção do saber histórico, exercitando a operação crítica de análise de fontes e problematização da narrativa. Como aponta Costa (2021), a cultura digital nas aulas de História possibilita a investigação de diferentes linguagens e registros, transformando a sala de aula em um laboratório de escrita e leitura do tempo presente. O espaço virtual estende as fronteiras do espaço escolar, permitindo o contato direto com documentos históricos digitalizados e o desenvolvimento do letramento digital e histórico integrados.

Entretanto, a simples presença de dispositivos tecnológicos não assegura uma inovação no processo de ensino-aprendizagem se não houver intencionalidade e planejamento didático rigoroso. A formação docente e a mediação pedagógica continuam sendo os eixos fundamentais para que a tecnologia cumpra uma função emancipatória e investigativa. Ao refletir sobre as transformações nas abordagens da disciplina, Guimarães (2012) adverte sobre a necessidade de trabalhar a técnica ao compromisso crítico do educador:

As tecnologias digitais da informação e comunicação abrem um leque de possibilidades para a aula de História, porém o seu uso isolado e sem mediação reflexiva não garante a superação de uma prática tradicional e receptiva por parte dos educandos. (Guimarães, 2012, p. 182)

Dessa forma, o papel do professor de História na era digital ganha uma dimensão mediadora ainda mais complexa: a de orientar a curadoria de informações em meio ao excesso de dados do espaço digital. Em um tempo marcado pela difusão de informações sem fundamentos, anacronismos e interpretações históricas sem um olhar cauteloso nas redes sociais, o domínio das tecnologias deve estar a serviço do rigor metodológico e do combate ao analfabetismo funcional e histórico. A tecnologia digital passa a ser um meio para ensinar os estudantes a checar a proveniência das fontes, comparar interpretações e discernir entre opinião e conhecimento historicamente fundamentado.

O diálogo entre o ensino de História e a cultura digital requer análises e um olhar atento a infraestrutura e formação continuada que enfrentem as desigualdades de acesso no cotidiano escolar. A mediação crítica do conhecimento histórico, combinada ao uso ético e criativo das ferramentas digitais, fortalece a formação da consciência histórica dos sujeitos, preparando-os para intervir de maneira autônoma e reflexiva no mundo contemporâneo.

A incorporação das tecnologias digitais no ensino de História tem demonstrado avanços significativos na qualidade do processo de ensino-aprendizagem, sobretudo ao favorecer o desenvolvimento do raciocínio histórico. Investigações no campo da didática da História evidenciam que o uso de acervos digitais, repositórios bibliográficos e mapas interativos potencializa a capacidade de análise documental dos estudantes. Ao interagir diretamente com fontes digitalizadas — como jornais históricos, fotografias e cartas antigas — o aluno deixa de ser um mero espectador passivo do livro didático e passa a vivenciar, na prática, as etapas do trabalho de investigação historiográfica.

Outro benefício consolidado reside na ampliação da empatia histórica e no aprofundamento da consciência espacial e temporal dos educandos. Ferramentas como os sistemas de informação geográfica (SIG), os modelos 3D de sítios arqueológicos e os passeios virtuais a museus permitem a imersão em diferentes épocas e territórios, aproximando conceitos abstratos do universo tátil e visual dos alunos. Essa mediação hipertextual facilita a apreensão de noções de permanência e mudança ao longo do tempo, tornando o aprendizado do passado uma experiência viva e contextualizada.

Além disso, as plataformas de escrita colaborativa e as mídias digitais estimulam a autonomia e o protagonismo discente por meio de metodologias ativas. A produção de podcasts, documentários em vídeo e linhas do tempo interativas exige dos estudantes um rigoroso exercício de curadoria, síntese e argumentação crítica. A esse respeito, Bittencourt (2018) analisa como a renovação dos materiais didáticos sob o suporte tecnológico reconfigura o engajamento dos sujeitos em sala de aula:

As mídias digitais e os materiais multimídia não apenas diversificam as linguagens presentes na aula de História, mas provocam uma reestruturação cognitiva nos educandos. Ao atuarem como produtores de conteúdos históricos digitais, os alunos desenvolvem habilidades de pesquisa, interpretação textual e síntese argumentativa, superando a memorização passiva e atribuindo novos sentidos ao saber escolar. (Bittencourt, 2018, p. 145)

Ademais, pesquisas no campo da historiografia escolar apontam que o ambiente digital atua como um importante estimulador para a alfabetização midiática e o combate ao anacronismo. Ao aprenderem a navegar por dados e checar a autenticidade de documentos na internet, os estudantes desenvolvem critérios analíticos para identificar a validade das informações e manipulações da memória histórica propagada nas redes sociais. O exercício constante de crítica de fontes no meio digital fortalece o espírito científico e a capacidade de discernimento do estudante frente aos discursos do presente.

Vale destacar a dimensão da inclusão e da democratização do acesso ao conhecimento histórico que as redes digitais proporcionam. A quebra das barreiras geográficas viabilizada pela tecnologia permite que escolas situadas fora dos grandes centros urbanos tenham acesso a acervos de bibliotecas e memoriais internacionais de forma instantânea e gratuita. Quando articulada a um projeto pedagógico bem fundamentado, a tecnologia digital consolida-se como um instrumento indispensável para o letramento histórico, promovendo uma formação cidadã crítica, reflexiva e conectada com as demandas do mundo contemporâneo.

Direcionando nossa análise para o recorte deste artigo, destacaremos agora algumas considerações sobre a inclusão de tecnologias digitais nos 6.º anos dos anos finais do Ensino Fundamental, destacando os conteúdos de Pré-História e Antiguidade, que fazem parte do currículo escolar do estado do Paraná.

Neste caso, podemos afirmar que a transição para esta etapa de ensino marca um momento crucial no desenvolvimento cognitivo dos estudantes, caracterizado pela passagem do pensamento concreto para capacidade gradativa de abstração. No ensino de História, essa etapa apresenta aos alunos dinâmicas temporais e espaciais distantes de sua realidade imediata, como o estudo da Pré-História e das primeiras civilizações da Antiguidade. A inserção de tecnologias digitais nesse contexto atua como uma ponte pedagógica fundamental, pois transforma conceitos altamente abstratos — como o nomadismo, o surgimento da escrita cuneiforme ou a organização social no Egito Antigo — em representações visuais e interativas acessíveis e estimulantes para crianças de 10 a 12 anos.

Ao abordar a Pré-História, ferramentas como reconstruções 3D de homínídeos, mapas interativos das rotas de migração e visitas virtuais às pinturas rupestres de cavernas (como Lascaux ou a Serra da Capivara) aproximam os alunos dos métodos da arqueologia. Conforme sinaliza

Schmidt (2017), a apropriação do conhecimento histórico nos anos iniciais do Ensino Fundamental II se consolida quando os estudantes conseguem formular perguntas às fontes e compreender a ação humana no tempo. Mídias digitais e simulações imersivas ajudam esses jovens educandos a perceberem que os povos pré-históricos não eram "primitivos" e sem cultura, mas sujeitos que criaram soluções complexas para transformar o meio em que viviam.

No estudo da Antiguidade Oriental e Clássica — englobando a Mesopotâmia, o Egito, a Grécia e Roma —, o uso de acervos digitais e jogos educativos tematizados permite contextualizar a vida cotidiana, a religiosidade e as estruturas de poder do passado. Em vez de memorizar cronologias extensas de dinastias ou batalhas, os alunos do 6º ano podem explorar interativamente a arquitetura das pirâmides ou a navegação no Mediterrâneo. Como destaca Bittencourt (2018), a diversificação de linguagens por meio do suporte tecnológico atrai a atenção dos educandos e favorece a construção de esquemas mentais mais duradouros, conectando a cultura visual contemporânea do estudante ao aprendizado do passado distante.

O trabalho pedagógico com mídias digitais no 6º ano contribui para o letramento digital responsável desde o início do ciclo final da Educação Básica. Ao aprenderem a pesquisar sobre mitologias antigas ou artefatos arqueológicos em *sites* institucionais confiáveis, os estudantes desenvolvem noções precoces de curadoria, checagem e investigação. A tecnologia digital integrada ao currículo de História da Pré-História e Antiguidade não apenas desperta a curiosidade científica inerente a essa faixa etária, mas também estabelece as bases para o raciocínio histórico crítico que os acompanhará ao longo de toda a sua formação escolar.

3. Relato de Experiência no Sistema de Ensino no Estado do Paraná

A prática docente de História nas redes públicas de ensino, especificamente nos anos finais do Ensino Fundamental II, é carregada por desafios estruturais que impactam diretamente a qualidade e a inovação pedagógica. A precarização da infraestrutura escolar — marcada pela escassez ou obsolescência de recursos tecnológicos, conectividade instável e limitação de materiais didáticos diversificados — contrapõe-se às exigências contemporâneas de inserção da cultura digital na educação. Além disso, a expressiva carga horária de trabalho dos professores, frequentemente dividida entre múltiplas turmas e estabelecimentos de ensino, restringe o tempo dedicado ao planejamento de aulas investigativas, à curadoria de fontes históricas e à formação continuada. Somado a isso, podemos pontuar que na rede estadual de ensino no Paraná, professores de Matemática, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Redação e Leitura detêm a prioridade na reserva e uso dos equipamentos tecnológicos, sobrando para os outros componentes curriculares apenas “janelas” desocupadas pelas disciplinas prioritárias.

A essas barreiras materiais somam-se desafios de ordem sociopedagógica específicos da faixa etária atendida no Ensino Fundamental II. Os docentes enfrentam níveis acentuados de desinteresse e dispersão dos estudantes, somados às defasagens de aprendizagem na leitura e interpretação de textos complexos — habilidade indispensável para a análise historiográfica. Conforme analisam Bittencourt (2018) e Schmidt (2017), a mediação do conhecimento histórico na escola pública exige do professor um esforço contínuo para transpor abismos conceituais e socioeconômicos, transformando conteúdos abstratos em saberes significativos em meio a contextos marcados pela vulnerabilidade social e pela falta de apoio institucional sistemático.

Dito isso, vale destacar que para as práticas pedagógicas no ensino de história, na rede estadual de ensino do Paraná, mesmo diante destas dificuldades, teve êxito quando houve protagonismo estudantil e a mescla entre métodos tradicionais – como leituras, pesquisa, anotações – com o uso das novas tecnologias – como uso de computadores, *Chromebooks*, *tablets* e celulares.

O desejo de descobrir o mundo é um impulso natural dos estudantes, que chegam à sala de aula movidos por uma curiosidade genuína sobre como as coisas funcionam e como o passado moldou o presente. Quando o conhecimento escolar se conecta às tecnologias digitais, esse entusiasmo se transforma em verdadeiro encantamento: o abstrato ganha vida e as barreiras físicas da sala de aula começam a ruir. Diante das inquietações provocadas para eles, houve o ímpeto e participação de todos os alunos.

Com o objetivo de fundamentar e contextualizar o relato de experiência sobre a integração entre as tecnologias digitais e o ensino de História tradicional, cabe situar o ambiente de aplicação da prática pedagógica. A atividade aqui relatada foi desenvolvida com turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública central, caracterizada pela diversidade do seu corpo discente, oriundo de diferentes regiões do município. Em geral, tratava-se de estudantes que já possuíam acesso a dispositivos tecnológicos em seus cotidianos e demonstravam facilidade em acompanhar as orientações e a mediação docente.

Diante do desinteresse e das dificuldades de compreensão identificados nos conteúdos sobre a Roma Antiga, somados à necessidade de atender às diretrizes para uma educação digital, elaborou-se uma estratégia voltada a superar essas defasagens. O primeiro passo consistiu em um planejamento estruturado: antes da introdução dos recursos digitais, realizaram-se aulas expositivas, acompanhadas de anotações, leituras e elaboração de textos pelos próprios alunos, assegurando a base conceitual por meio de metodologias tradicionais.

O segundo passo envolveu superar as limitações de infraestrutura da instituição, uma vez que os laboratórios de informática e os *tablets* estavam prioritariamente alocados para outras disciplinas. Em articulação com a direção escolar, viabilizou-se o uso de *Chromebooks* mantidos

em reserva — contudo, havia apenas oito equipamentos disponíveis para turmas com mais de trinta alunos. Para contornar essa restrição e garantir a participação efetiva de todos, a turma foi organizada em grupos de trabalho colaborativo.

Superadas as etapas de planejamento, logística de equipamentos e organização dos estudantes, deu-se início à aplicação prática. O terceiro passo voltou-se à execução da atividade pelos alunos, sob a mediação contínua da professora. Organizados em pequenos grupos em torno dos *Chromebooks* disponíveis, os estudantes foram orientados a realizar uma navegação guiada por um acervo e mapeamento virtual da Roma Antiga, sobretudo pelas personalidades dos imperadores romanos. A proposta combinou a leitura e a análise prévia dos textos com a exploração visual de reconstruções digitais do Fórum Romano, do Coliseu e das vias de circulação do império, imagens dos imperadores e fontes que falavam a respeito destes políticos. Durante a prática, cada grupo recebeu um roteiro de investigação contendo questões problematizadoras, exigindo que os alunos correlacionassem as informações bibliográficas debatidas nas aulas expositivas com os elementos observados nas plataformas virtuais. A dinâmica em equipe estimulou a cooperação, o debate de ideias e a construção coletiva de registros síntese, transformando a escassez de equipamentos em um organizador para a aprendizagem colaborativa e a alfabetização digital.

O quarto passo correspondeu à etapa de síntese e socialização das produções discentes por meio da plataforma digital *Padlet*. Após a investigação e a coleta de dados, cada grupo foi desafiado a criar uma propaganda política fictícia em favor de um imperador romano, articulando elementos visuais, *slogans* e argumentos históricos estudados. As produções foram publicadas no mural colaborativo da turma, transformando a tela em uma galeria interativa de aprendizagem. A dinâmica permitiu que os estudantes navegassem pelos trabalhos dos demais grupos, tecendo comentários construtivos e atribuindo curtidas às postagens mais bem fundamentadas. Essa interação não apenas estimulou a empatia e o protagonismo dos alunos, mas também exercitou a avaliação entre pares, o pensamento crítico e o uso ético e reflexivo das redes digitais no ambiente escolar.

Em suma, a implementação do mural no *Padlet* integrou um conjunto mais amplo de estratégias pedagógicas diversificadas, voltadas a estimular a participação ativa da turma e a atender às diferentes formas de aprendizagem. Ao longo do percurso didático, o uso de instrumentos como linhas do tempo interativas, tabelas ilustradas, confecção de *fanzines* e elaboração de panfletos informativos atuou tanto como recurso de fixação quanto como processo avaliativo formativo. Essa pluralidade de linguagens e suportes — associando a cultura visual, a escrita criativa e o recurso digital — permitiu diagnosticar a evolução conceitual dos alunos de maneira contínua, superando a rigidez das avaliações tradicionais e consolidando um ambiente escolar dinâmico, inclusivo e centrado no protagonismo discente.

4. Considerações finais

A integração das tecnologias digitais ao ensino de História revela-se um processo complexo e multifacetado, situado entre as promessas de inovação pedagógica e os dilemas da prática escolar real. Ao longo deste estudo, evidenciou-se que a mediação tecnológica não deve ser compreendida como mero recurso ilustrativo, mas como uma dimensão estruturante do pensamento histórico contemporâneo. No contexto dos anos finais do Ensino Fundamental II, em especial no 6º ano, o uso de ferramentas digitais e acervos virtuais desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo dos estudantes, funcionando como aportes conceituais que aproximam universos temporais distantes, como a Pré-História e a Antiguidade, da realidade hiperconectada dos alunos e favorecendo a formação da consciência crítica desde o início do ciclo.

Essa perspectiva teórico-metodológica ganhou materialidade no relato de experiência desenvolvido com turmas de 6º ano de uma escola pública central. Diante do desinteresse e da abstração do tema da Roma Antiga, a prática demonstrou como a articulação entre o ensino tradicional e o uso de metodologias ativas pode transformar a dinâmica escolar. O percurso prático envolveu desde a superação de defasagens de infraestrutura (com a adaptação do uso compartilhado de *Chromebooks* em grupos) até a criação de propagandas políticas fictícias de imperadores romanos expostas em um mural colaborativo no *Padlet*. A socialização no ambiente virtual, combinada à utilização de linhas do tempo, tabelas ilustradas, *fanzines* e panfletos como instrumentos avaliativos formativos, comprovou que a diversificação de linguagens amplia o engajamento, estimula a avaliação entre pares e atende à pluralidade dos processos de aprendizagem.

Os benefícios dessa abordagem integrada refletem-se no fortalecimento da empatia histórica, no protagonismo discente e no desenvolvimento do raciocínio científico a partir do contato direto com fontes e linguagens multimídia. Contudo, a experiência prática também ratificou que a efetividade desses avanços esbarra nas barreiras estruturais cotidianas da rede pública de ensino, como a escassez de equipamentos, a conectividade instável e a sobrecarga docente. Ficou demonstrado que a tecnologia, por si só, não garante a superação de modelos tradicionais e transmissivos se não estiver acompanhada de um planejamento didático rigoroso e de condições materiais adequadas.

Portanto, conclui-se que o avanço da cultura digital nas aulas de História exige a superação da ausência entre as diretrizes curriculares e a realidade das salas de aula públicas. A promoção de um ensino de História verdadeiramente emancipatório e alinhado ao século XXI depende de políticas públicas consistentes voltadas à infraestrutura escolar e à formação continuada de

professores. Apenas por meio do fortalecimento do papel mediador do docente e da garantia de igualdade de acesso às ferramentas tecnológicas será possível transformar o espaço escolar em um laboratório de investigação crítica, capacitando os estudantes a interpretar o passado e a intervir de forma autônoma e consciente no presente.

Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

COSTA, Marcella Albaine Farias. **Ensino de história e historiografia escolar digital**. Curitiba: CRV, 2021.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças**. Tradução de Mônica Cristina Corrêa. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2021.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e ensino de História: experiências, memórias e narrativas**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MORAN, José Manuel. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Wesley (org.). **Convergências midiáticas, pedagogia e cidadania: respostas mídias-educação**. Ponta Grossa: UEPG, 2015. p. 15-33.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Cognição histórica situada e a aula de História**. Curitiba: Editora UFPR, 2017.

* Formada em história pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e em Pedagogia pela Universidade Unicesumar (Unicesumar). Possui pós-graduação em Docência no Ensino Superior, Inovação e Novas Tecnologias (Unicesumar) e Mestrado em História, na linha de Instituições e História das Ideias (UEM). Atualmente atua como professora formadora da Universidade Unicesumar nos cursos de Humanidades e como professora regente dos anos iniciais do ensino fundamental na rede municipal de ensino de Maringá-PR. Já atuou como professora de história pela Secretaria do Estado do Paraná nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio (QPM- SEED/PR).

E-mail: Adriele.ceola@unicesumar.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4706656588443514>